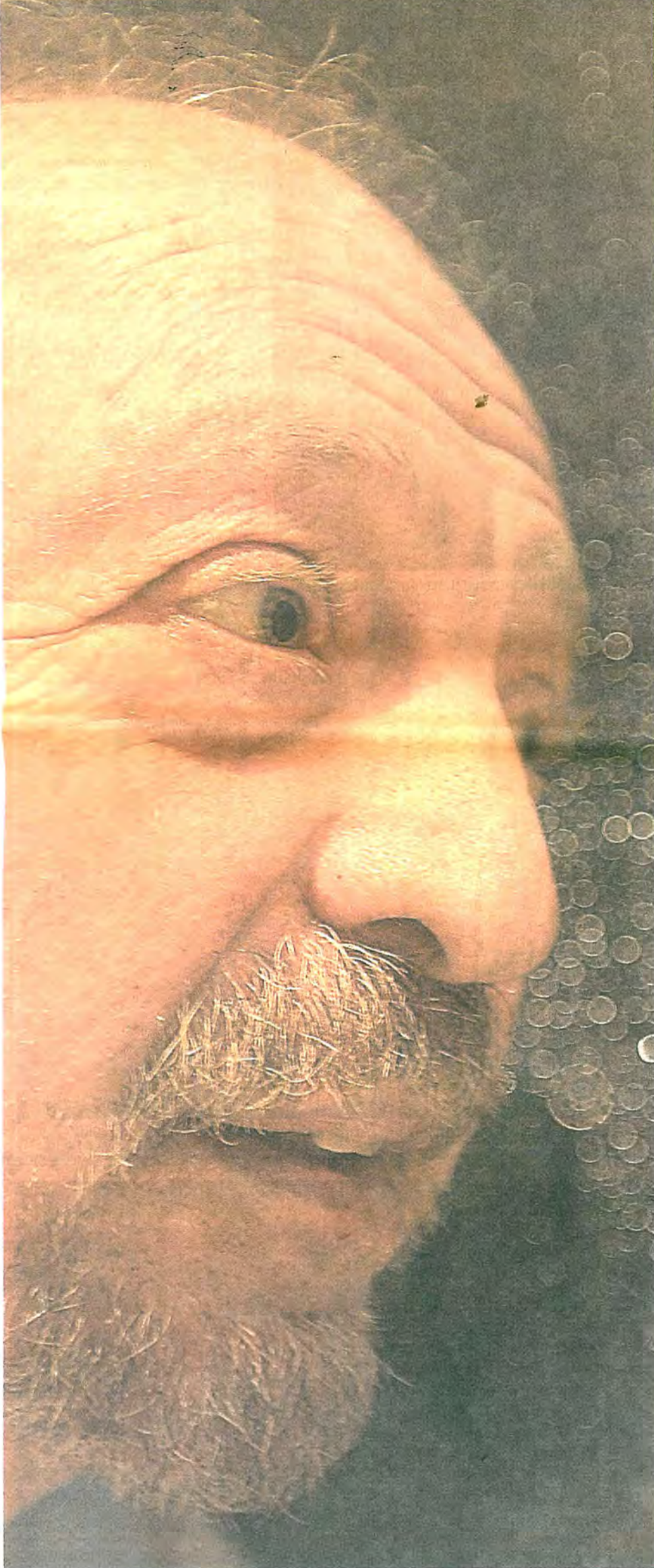


Segundo Caderno

www.zerohora.com/segundocaderno

Editor: TICIANO OSÓRIO 3218-4383 ticiano.osorio@zerohora.com.br Diagramação: NORTON VOLOSKI



ADRIANA FRANCIOSI, BD, 08/07/2003

“ Só não vou mais a escolas porque não tenho condições. Se atendesse a todos os pedidos, estaria todo dia em algum lugar do Brasil. É uma emoção, olho para aqueles rapazes e moças e me vejo no meio deles, vejo o fascínio que tinha pela figura do escritor.”

Moacyr Scliar (1937 – 2011)

O mestre entre nós

Moacyr Scliar adorava conversar e distribuir elogios nas visitas semanais à Redação de ZH

LARISSA ROSO

Moacyr Scliar visitava a Redação de Zero Hora toda terça-feira de manhã. Não tinha compromisso – aparecia, simplesmente. Seguiu o mesmo traçado, começando à direita de quem sai do elevador no quarto andar. A primeira parada era na Editoria de Geral, onde até dezembro editei o caderno Vida, suplemento em que ele assinou uma coluna desde 1993.

– Querida editora! – saudava, alto e bom som, variando a gentileza a cada vez: “ilustre”, “cara”, “brilhante”.

Scliar era assim, superlativo nas maneiras. Distribuí elogios, discursava apaixonadamente sobre medicina, política, literatura, um evento qualquer da cidade. Exigia apenas um interlocutor atento e disposto a responder as perguntas que pontuavam seu relato, como se testasse a atenção do outro. Disponha de opiniões e boa vontade de sobra. Escolhia o tema da conversa, puxava na memória o que mais tinha lhe chamado a atenção desde a visita da semana anterior. Ficava de pé, como a dar mais solenidade à explanação.

– Viste aquela pesquisa na Science? Merece uma matéria no Vida, é extremamente importante – alertava, pingando uma exclamação em cada frase que não pudesse ser esquecida.

Em qualquer outro momento, quando solicitado a escrever um texto, de casa ou em outro lugar do mundo, ouvia atentamente e prometia a entrega para dali a 15 minutos. Cumpria sempre. Antecipava-se até, como se apostasse corrida com ele próprio. O e-mail com a encomenda piscava na minha tela e, no mesmo instante, o telefone tocava:

– Recebeste?

Em seus périplos de terça, seguia adiante, até a sala da Editoria de Opinião, ao fundo da Redação, onde são burilados os editoriais do jornal.

– Como estão esses pensadores? – cumprimentava ao entrar.

Engatava conversa com Nilson Souza, disponibilizando seus préstimos literários. Os dois conviviavam desde o final da década de 80, e já ia longe o dia em que Scliar pegara o hábito de ligar para Nilson todo domingo com o mesmo dilema intelectual: autor zeloso de um par de textos – sempre

dois –, pedia ajuda ao colega editorialista.

– Tenho dois temas para o meu artigo de terça e estou em dúvida. O que tu achas, jornalisticamente? – frisava o escritor de mais de 70 livros, declamando ambos ao telefone, oferecendo ao colega o impasse que ele era incapaz de solucionar.

– Vai para o meu currículo, essa! Um imortal pedindo minha opinião – divertia-se Nilson.

Scliar rumava então para o Segundo Caderno. Vez ou outra, puxava assunto com Mariana Bertolucci, do RSVip:

– Tu queres uma notícia? – ofertava ele, complementando, meio maroto, frente à afirmativa da colunista: – Pode ser de mim?

Iniciava com Roger Lerina o papo de sempre: cinema, o que andava assistindo por aqui ou nas constantes viagens ao Exterior, a admiração pelos filmes de Woody Allen e Almodóvar.

– O nível de inteligência neste canto é in-suportável! – brincava ao se aproximar.

– Lume! Agora, com a tua presença, as trevas vão se iluminar – devolvia o titular da Contracapa.

Para Cláudia Laitano, editora-executiva do Segundo Caderno, um galanteio:

– Nunca uma combinação tão grande entre inteligência e beleza!

Dias antes de sua internação no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, em 11 de janeiro, o escritor caçava Cláudia por telefone, de sua casa, inquieto como são inquietos os portadores das retumbantes novidades. Pescou-a na sala de reuniões, no momento em que os editores debatiam os principais temas da edição seguinte.

– Scliar, agora eu não posso falar – desculpou-se ela.

– Mas é importante! Viste essa notícia do Paulo Coelho proibido no Irã? Queres um textinho?

Retorne-se aqui o trajeto das terças. Scliar já se dirigia à porta, finalizando o tour. Numa dessas despedidas, há uns dois anos, quando quase pisava a calçada da Avenida Ipiranga, cruzou com o editor especial Moisés Mendes, que arriscou uma previsão invertida, mirando o passado:

– Se tu tivesses morado em Paris, terias sido o primeiro brasileiro a ganhar o Nobel de Literatura.

Scliar riu:

– Prefiro ter morado no Bom Fim.

Moacyr Scliar (1937 – 2011)

Cordial e batalhador, fraterno e inventivo

LUÍS AUGUSTO FISCHER

O que quer um escritor? Encontrar a linguagem adequada para expressar-se e encontrar o público que se interesse pela obra. Isso, tudo isso, nada mais que isso. Pode haver interesses paralelos, naturalmente: ganhar dinheiro; conquistar amores e despertar paixões; alcançar fama; prestar contas ao pai e à mãe que tanto acreditaram; obter poder; esmiuçar um tema que considere vital; ser reconhecido pelos seus como alguém de valor, como seu intérprete. Mas se o artista é artista mesmo, o que importa são aqueles dois encontros, com a linguagem e com o público. Encontros que são conquistas, não graça divina: é na lida diária e obstinada com ela e com ele que a coisa aparece.

O prezado leitor que, como eu, está lembrando de Moacyr Scliar, deduziu logo que nosso escritor se realizou. Desde o começo de sua longa, produtiva, bem-sucedida carreira, Scliar encontrou linguagem e leitores, que agora permanecem aqui, ela impressa e portanto disponível para a leitura das dezenas de volumes que escreveu, eles com a chance concreta de seguirem lendo, agora e no futuro, o que ele deixou.

Sua linguagem foi sempre a narrativa, nunca a poética: não se encontra em sua obra o esforço pela imagem sublime, plasmada num giro raro de palavras, numa metáfora especial, no vocabulário sutil, e sim se encontra a volúpia pelo relato, fosse ele de temperamento alegórico (seus contos estão cheios de figuras surpreendentes, animais falando, sonhos divinatórios etc.), fosse ele de caráter realista (é repleta de vida cotidiana sua ficção).

Narrativo, claro em sua sintaxe, escorrido no vocabulário, Scliar soube encontrar os temas para sua obra naquilo que estava ao alcance de sua vida – Porto Alegre aparece muito em seus livros, marcadamente até os anos 80, assim como questões ligadas à saúde pública, que nunca saíram de seu horizonte. A condição judaica nunca parou de ser fonte inspiradora, tanto no plano histórico concreto (a imigração para o Brasil, os dilemas da adaptação ao novo mundo, os episódios pessoais) quanto no plano cultural mais difuso e geral (temas bíblicos, dilemas centenários, fantasias milenares do imaginário de sua cultura).

Quem são seus personagens marcantes? (Fica-se tentado a encontrar sínteses, em momentos de luto como este: o objetivo é encontrar pontos de apoio para debruçar ali nossa tristeza.) Pode-se dizer que Scliar tomou o pobre-diabo como personagem central? Não. Mas também não foi o nababo, nem o aristocrata de dinheiro velho, nem o burguês bem-sucedido que pisou em vários pescoços até



Scliar na biblioteca de sua casa, na Rua Santa Cecília

“ Eu escrevo a qualquer hora e em qualquer lugar. Quando viajo, levo o laptop, estou no aeroporto esperando, estou digitando. Dentro do avião, vou digitando. Quando a gente aprende a se desligar, essa coisa de precisar de silêncio e isolamento para escrever se torna desnecessária.”

chegar lá. Seu personagem-síntese é o sujeito simples, igual ao leitor, que porém acalenta aspirações de grandeza, de fama, de prestígio. Aspirações que escolheu ou que herdou, e que não se realizam direito jamais – o esquema abstrato da novela em suas mãos é o relato da trajetória de um sujeito assim, seja ele o homem que imaginou ser ele só um exército,

lá nos anos 70, seja o Valdo do romance derradeiro, de 2010, *Eu vos Abraço, Milhões*, que envolve o Rio Grande da Revolução de 30, os sonhos comunistas da primeira metade do século passado e a danação do cotidiano, matéria-prima toda ela significativa para o autor. Que este personagem seja muitas vezes judeu é uma contingência a que Scliar não fugiu, co-

mo alguém que sabe de sua família, de seus maiores, do patrimônio cultural e afetivo incalculável envolvido nessa herança.

E o público, quem foi? Para mais de um colega escritor, Scliar dizia, às vezes em tom de conspiração, que era preciso escrever para as mulheres, o público real. Era e não era uma piada, creio: Scliar de fato foi em direção a seu leitor – estimo que ele teria gostado da comparação – como um honesto caixeiro à moda antiga, quem sabe um imigrante ainda frágil na nova língua mas empenhado de corpo e alma no comércio porta a porta, que quer conquistar e nunca mais perder a freguesia. (Uma das marcas de sua atuação era a infinita gentileza com que atendia a pedidos de entrevista, de visita a escolas, de autógrafa). Não confrontou o leitor médio, não lhe impôs dificuldades intelectuais ou críticas. Suas histórias não são trágicas, ou quando são acabam com um suspiro, não numa explosão. Seu humor é discreto, riso de canto de boca; não resulta em gargalhada nem em enigma cerebral que só se resolve mediante muita análise aguda.

Mas, se não confrontou o leitor real, também não cedeu em coisas básicas que agora, em rimo de balanço, aparecem com clareza: seu produto era aquele mesmo, aqueles temas e aquele horizonte humano, que ele aperfeiçoou a vida toda, que lapidou com a paciência com que Baruch Spinoza polia suas lentes, enquanto pensava na vida. (Spinoza foi uma das referências intelectuais e afetivas de Scliar, a ponto de figurar numa excelente passagem de do romance, *Na Noite do Ventre, o Diamante*).

Assim ele era pessoalmente: disponível, cordial, fraterno. (Guardo com carinho a lembrança de um telefonema que me deu, na véspera de uma complicada cirurgia que ele sabia que eu ia fazer, para me dizer que tudo ia dar certo. A palavra do médico instaura o sentido no doente, e ele sabia disso). E também foi um dedicado batalhador e um inventivo contador de histórias. Uns quantos romances seus permanecerão, ao lado de um bom punhado de contos; suas narrativas juvenis por certo seguirão fazendo o serviço limpo de acalantar leitores em formação; suas crônicas merecerão visitas em busca do sentimento diário que os últimos 40 anos viveram, e seus ensaios terão função esclarecedora por muito tempo.

Scliar foi alguém que buscou ser inteligente e eficaz; realizou ambos os desígnios como escritor. A última frase de uma autoapresentação escrita para o significativo livro juvenil *Um Menino Chamado Moisés* ajunta a isso um traço de valor alto: dizendo ali a seu leitor que para compor aquele texto ele leu a Bíblia como literatura, mas também inventou um tanto – o Mar Vermelho se abriu para os judeus passarem tanto quanto, explica, o mar da imaginação dá passagem ao trabalho do escritor –, Scliar arremata, falando de sua história e (digo eu) de sua obra: “Não chega a ser um milagre, mas que dá alegria, isto dá”.

Moacyr Scliar (1937 – 2011)

O homem que rescreveu a Bíblia

FÁBIO PRIKLADNICKI

Na primavera americana do ano 2000, sete acadêmicos foram convocados pelo Yiddish Book Center para compor um júri com o ambicioso propósito de selecionar os cem grandes livros da literatura judaica moderna. Concluída em dezembro do ano seguinte, a lista posicionou *O Centauro no Jardim* (1980), de Moacyr Scliar, em companhia de obras de autores como Franz Kafka, Scholem Aleichem e Philip Roth.

Com a figura do centauro, o escritor gaúcho representou a dupla condição – judaica e brasileira – dos descendentes de imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul especialmente a partir do início do século 20, fugindo do crescente antissemitismo na Europa.

– Moacyr não foi o primeiro escritor de etnia judaica da literatura brasileira. Sempre lembramos de Clarice Lispector, Samuel Rawet e Marcos Iolovitch, por exemplo. Mas foi um divisor de águas que obrigou a se reavaliar a obra dos que vieram antes – afirma Regina Zilberman, professora de literatura da UFRGS.

Em sua trajetória, Scliar se caracterizou pela diversidade temática mesmo dentro da tradição na qual foi criado – e que ajudou a criar. Regina Zilberman chama a atenção para três períodos que ilustram, cronologicamente, seus focos. Primeiramente, títulos ambientados em Porto Alegre, como *A Guerra no Bom Fim* (1972) e *O Exército de Um Homem Só* (1973). Na década de 1980, a assimilação dos imigrantes à vida moderna no Brasil: *A Estranha Nação de Rafael Mendes* (1983), *O Centauro no Jardim*. Por fim, na virada dos anos 2000, a recriação de temas bíblicos: *A Mulher que Escreveu a Bíblia* (1999), *Os Vendilhões do Templo* (2006) e *Manual da Paixão Solitária* (2009).

– É como se ele fizesse um *flashback* da tradição judaica: começa tratando dos imigrantes e retrocede na história, até chegar às origens bíblicas. À medida em que sua obra avançava, mais ele queria se conhecer como judeu – analisa Regina.

Para compor o protagonista de *O Exército de Um Homem Só*, buscou referência no enclave judaico de Birobidjan, na URSS, em 1928, uma tentativa de se estabelecer uma região autônoma para o povo – reflexo de um tempo em que a ideia de um Estado judeu ainda era sonho. No livro, Mayer Guinzburg, o Capitão Birobidjan, é um sujeito que deseja repetir no Rio Grande do Sul a experiência soviética frustrada. O personagem reaparece em um conto de Cíntia Moscovich no livro *Anotações Durante o Incêndio*, de 2000. Cíntia explica:

– Sempre me encantei por esse lado idealista, louco do personagem. *O Exército de Um Homem Só* foi o primeiro livro do Moacyr que li.

Por algum tempo foi seu preferido, até a escritora descobrir *O Centauro no Jardim*. O ro-

mance conta a história de Guedali, personagem metade homem e metade cavalo nascido em Quatro Irmãos, uma das regiões de colonização judaica no Estado, próxima de Erechim. Guedali conhece uma centaura, com quem compartilha as angústias da identidade cindida, e ambos viajam ao Marrocos para realizar uma cirurgia que os tornaria 100% humanos – alternativa que tampouco se mostra a mais adequada.

– O centauro é uma metáfora poderosa para todo um universo de excluídos, de pessoas que consideramos estranhas. Ali, Moacyr transcende a temática judaica para atingir o universal. No fundo, acho que isso ocorre em todos os livros dele – observa Cíntia.

Como prefaciador, Scliar se destacou na divulgação da literatura judaica produzida no país. Apresentou obras de escritores como Cíntia e Rafael Bán Jacobsen, e até mesmo de um predecessor, Marcos Iolovitch, cujo livro *Numa Clara Manhã de Abril* (1940) foi uma de suas inspirações – uma segunda edição traz depoimento de Scliar. Também virou um porta-voz do país: manteve amizade com grandes autores israelenses, como David Grossman e Amós Oz.

– Scliar era um homem culto – diz Tatiana Salem Levy, autora do romance *A Chave de Casa* (2007), que traça a origem de uma família sefardita (de judeus da Península Ibérica), e uma das organizadoras da coletânea *Primos* (2010), com textos de escritores judeus e árabes brasileiros, entre eles Scliar: – Ele foi muito importante para esse livro. Na literatura ou em mesas-redondas, ficava impressionada com seu entusiasmo. Conseguia transmitir questões do judaísmo para um grande número de leitores e ouvintes, inclusive os que não eram judeus.

Com essa habilidade, o escritor familiarizou os leitores com obras referenciais. É sua a apresentação da edição brasileira de *A Questão Judaica*, em que o filósofo francês Jean-Paul Sartre analisa o fenômeno do antissemitismo no calor dos acontecimentos (a obra foi publicada em 1946, um ano após o fim da II Guerra). Também apresentou, em um ensaio de quase 30 páginas, a edição nacional de *O Estado Judeu*, de 1896, do austríaco Theodor Herzl, um dos mentores do sionismo moderno (forma de pensamento que defende o estabelecimento de uma nação para os judeus). Scliar começa lembrando da euforia nas ruas do Bom Fim na noite de 14 de maio de 1948, quando a ideia se tornou realidade: foi a data da criação do Estado de Israel. Tinha apenas 11 anos. Desde cedo, Scliar viveu a experiência judaica completa: a parte da história que não constava em sua biblioteca teve a oportunidade de ver com os próprios olhos e narrar com o esmero de quem está sempre rescrevendo a Bíblia.



O dia em que Scliar virou imortal

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

A candidatura de Moacyr Scliar à Academia Brasileira de Letras, lançada pelo acadêmico Marcos Vilaça, tornou-se uma febre gaúcha, com o Estado abraçando a causa de levar o escritor do Bom Fim ao Petit Trianon, no centro do Rio.

Depois de cumprir os trâmites de campanha, Scliar viajou ao Rio em agosto de 2003 para esperar o resultado da votação que decidiria o destino da cadeira 31. Este repórter e a fotógrafa Adriana Franciosi acompanharam a espera de Scliar – uma espera simples e sem ansiedade: ele hospedou-se no mesmo hotel modesto no Aterro do Flamengo onde sempre se alojava quando ia ao Rio. Ao abrir a porta de seu quarto para a equipe de reportagem, parecia agitado – nada a ver com a sua iminente eleição, mas sim com a dificuldade para acessar o portal eletrônico pelo qual deveria enviar um texto para Zero Hora.

Scliar nos tratou com a cortesia de sempre – sua presença era constante na redação de ZH, onde sempre parávamos para conversar sobre livros, os dele e os de outros. Enquanto almoçava um lanche frugal em uma banca de sucos da Rua do Catete, a três quadras do hotel, Scliar comentou o quanto significava para ele a possibilidade da eleição. Uma instituição vetusta ocupada por homens oriundos da elite nacional (com a exceção histórica de Machado de Assis) abria as portas para um filho de imigrantes pobres. Foi eleito em uma das votações mais rápidas da ABL: a casa não precisou sequer de meia hora para sagrá-lo quase unanimemente com 35 votos (um foi em branco). Tão logo o resultado foi divulgado, começou a receber os cumprimentos calorosos de amigos como Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony e Nélida Piñon.

Naquela tarde ensolarada do Rio de Janeiro, o que se via era um Scliar tranquilo, feliz e cheio de amigos. Um pouco o resumo da pessoa que ele parecia aos olhos de quem o conheceu.

carlos.moreira@zerohora.com.br



Horas antes da posse na ABL, Scliar prova o fardão cerimonial

Um satirista histórico



Carolina Kasting na versão para o cinema de "Sonhos Tropicais", sobre o combate à febre amarela no Rio

Moacyr Scliar várias vezes levou seus personagens a cenários distantes tanto no tempo como no espaço. Parte de *Na Noite do Ventre*, o *Diamante* se passa na Holanda do século 17, tendo como personagem o filósofo Baruch de Spinoza. *A Estranha Nação de Rafael Mendes* tem uma de suas partes protagonizada por Maimônides, filósofo e médico judeu do século 12. *Os Vendilhões do Templo* enfoca o período de pregação de Jesus pelo olhar de um comerciante. Em *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, conta a história pela voz da concubina mais feia do harém do mítico Salomão, o terceiro rei de Israel.

O passado do Brasil também foi vasculhado, em Porto Alegre ou fora dela. A imigração judaica é tema de *O Centauro no Jardim* e *A Guerra no Bom Fim*. A Revolta da Vacina de 1904 é o clímax de *Sonhos Tropicais*, assim como a renúncia de Jânio Quadros e a instabilidade política que se seguiu são cruciais em *Mês de Cães Danados*. Pois com tantos mergulhos ficcionais na história, Scliar não era um romancista histórico, ao menos não no sentido mais comumente

aplicado ao gênero desde Walter Scott até seus exemplares modernos, como Bernard Cornwell. Era, isso sim, um satirista, ao modelo clássico de Swift – sabia usar a história mais como pretexto do que como cenário. Como o Gulliver de Swift, que viaja por várias terras que nada mais são que uma caricatura da Inglaterra do século 18, os personagens de Scliar, por mais que se movimentem no passado, estão na verdade em nosso presente, comentando a realidade contemporânea que o autor via e vivia.

Em vez de buscar a máxima verossimilhança na ambientação, nas ações e mesmo na linguagem, Scliar abraçava deliberadamente o anacronismo como um elemento de humor, pelo estranhamento que produziam, em seus livros, conceitos de nosso mundo transplantados para o passado. O "vendilhão" que protagoniza a primeira parte de *Os Vendilhões do Templo*, no ano 33 da era cristã, é retratado como um protocapitalista cheio de projetos mirabolantes para seu negócio de vender pombos para sacrifício na entrada do templo: uso de réplicas de madeira no lugar de aves de verdade, diversificação do uso dado aos pombos, automação do abate ritual e até um grande congresso internacional.

Nos contos, Scliar operava com outro modelo estético, embora com o mesmo humor e os mesmos recursos, como a repetição de frases em contextos diversos. Buscava uma narrativa mais semelhante à parábola bíblica ou às elipses de Kafka. Nos romances, a estrutura narrativa era mais complexa. Em muitos deles, Scliar evitava a terceira pessoa totalizante. Pegue-se *Sonhos Tropicais*, narrado por um médico desempregado que espera a chegada de eminente pesquisador estrangeiro interessado na vida de Oswaldo Cruz. Enquanto o visitante não chega, o narrador conta a história do sanitário em uma curiosa segunda pessoa, falando sozinho com o próprio Cruz. (Carlos André Moreira)

1. A Guerra no Bom Fim (L&PM, 1972)

Em seu primeiro romance, Scliar narra a história de Joel, que se recorda de sua infância nos anos 1940 no bairro judaico do Bom Fim, em Porto Alegre, e sua descoberta da maturidade em meio aos ecos da guerra na Europa.

2. O Exército de um Homem Só (L&PM, 1973)

Comunista durante a juventude, Scliar faz do protagonista do romance, Mayer Guinzburg, o "Capitão Birobdjan", sua versão desencantada do Quixote.

3. O Centauro no Jardim (Companhia das Letras, 1980)

No interior gaúcho, o quarto filho de uma família nasce centauro. Metáfora a um só tempo da condição judaica, do imigrante e da individualidade atropelada pelo coletivo. É uma de suas obras-primas.

4. Contos Reunidos (Companhia das Letras, 1995)

Inclui seus melhores contos, como *A Balada do Falso Messias*, *As Ursas*, *Os Leões*, *Pausa*, *Lavinia e Cego* e *Amigo Gedeão à Beira da Estrada*.

5. A Mulher que Escreveu a Bíblia (Cia. das Letras, 1999)

Primeiro livro da "trilogia bíblica", tem como protagonista a concubina mais feia do harém do Rei Salomão.

6. Saturno nos Trópicos (Companhia das Letras, 2003)

Ampla e rigorosa história da melancolia.

7. Os Vendilhões do Templo (Companhia das Letras, 2006)

O autor reconta o episódio em que Jesus expulsa os vendilhões do templo pela ótica de um deles, uma espécie de protocapitalista com projetos grandiosos.

8. Enigmas da Culpa (Objetiva, 2007)

Ensaio no qual o escritor analisa a presença central da culpa no centro da civilização judaico-cristã.

9. Manual da Paixão Solitária (Companhia das Letras, 2008)

Com humor, Scliar reconta a história da família de Onã – aquele mesmo, que deu origem à palavra "onanismo" para não engravidar a mulher de seu irmão. Prêmio Jabuti de Livro do Ano.

10. Eu Vos Abraço, Milhões (Companhia das Letras, 2010)

Inflamado pelo sonho socialista, jovem filho de capataz muda-se para o Rio em 1929, testemunha os efeitos do Crash da bolsa de Nova York, a construção do Cristo Redentor e a revolução liderada por Getúlio Vargas.